

Universidade de Brasília
Instituto de Letras - IL
Departamento de Teoria Literária e Literaturas - TEL

**AS INDIVIDUALIDADES SOCIAIS DO GÊNERO: O SONHO E O
AMOR EM *NOITES BRANCAS***

GABRIEL ANTÔNIO DE OLIVEIRA BONFIM

Brasília
2021

GABRIEL ANTÔNIO DE OLIVEIRA BONFIM

**AS INDIVIDUALIDADES SOCIAIS DO GÊNERO: O SONHO E O
AMOR EM *NOITES BRANCAS***

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade de Brasília
como pré-requisito para a Graduação em
Letras - Língua Portuguesa e Respectiva
Literatura - Bacharel pela Universidade
de Brasília - UnB.

Orientadora: Ana Laura dos Reis Corrêa

Brasília
2021

RESUMO

Na obra literária *Noites brancas*, de Fiódor Dostoiévski, é possível identificar comportamentos sociais do sonhador, personagem principal, e Nástienka, seu par romântico, que refletem as individualidades sociais tanto do homem quanto da mulher no cenário da Rússia czarista que teve fim apenas na Revolução Russa de 1917. A primeira temática a ser retratada, aliada à obra, dentro desse contexto social, é o amor, tema dos romancistas europeus e retratado por Dostoiévski numa perspectiva crítica e paródica, uma vez que é um autor realista. Já a segunda temática, o sonho, trata do campo das realizações e idealizações que guiam o sonhador e Nástienka quanto ao seu papel social e objetivos de vida. A considerar a injustiça social na perspectiva da mulher, refletida na obra por Nástienka, traçamos caminhos que relacionam a personagem, a revolução de 1917 e o caminho para equidade social. Assim, é importante apontar como a Rússia foi czarista na maior parte de seu tempo histórico, 1547 até a revolução. Em meio a esses tempos, a mulher, privada de direitos básicos como educação e escasso acesso ao trabalho e nula participação política, não possuía o mesmo papel político e social de um homem. A vida igualitária em busca do conhecimento era, portanto, um sonho de liberdade social.

Palavras-chave: *Noites brancas*; individualidades sociais; amor; sonho; sociedade russa.

ABSTRACT

In the literary work *White nights*, of Fyodor Dostoevsky, it is possible to identify social behaviors of the dreamer, main character, and Nástienka, his romantic pair, which reflects the social individualities of the men as well as the women in the Czarist Russian that ended only in the Russian Revolution of 1917. The first thematic to be portrayed, allied with the work, in this social context, is Love, thematic of the European romancists and portrayed by Dostoevsky in a critic perspective and parodic, once he is a realist author. The second thematic on the other hand, the dream, deal with the field of realizations and idealizations that guide the dreamer and Nástienka in her social role and life goals. Considering the social injustice in the perspective of the women, with Nástienka representing them, we will trace paths that connects the character, the 1917 revolution and the way to social equity. So, it's important to point how Russia was czarist for the biggest amount of it's historic time, since 1547 to the revolution. In this time, the women didn't have the same politic or social as the men, deprived from basic rights, like education. The equal life, a search of knowledge, being a dream of social liberty.

Keywords: *White nights*; social individualities; love; dream; russian society.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	06
CAPÍTULO 1 - AS DIFERENÇAS SOCIAIS DE GÊNERO NA RÚSSIA DE DOSTOIÉVSKI.....	08
1.1 O grupo Pietrachévski e o pobre herói.....	11
1.2 Nástienka, Kollontai e a Rússia Czarista.....	14
CAPÍTULO 2 - O AMOR REALISTA.....	21
2.1 O homem romântico.....	24
2.2 A mulher inalcançável.....	28
CAPÍTULO 3 - REFÚGIOS MENTAIS.....	33
3.1 O sonhador solitário.....	36
3.2 A sonhadora liberta.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	45

INTRODUÇÃO

Na obra *Noites brancas*, publicada em 1848, pelo brilhante Fiódor Dostoiévski, são construídas relações sociais que transparecem as relações de gênero do contexto real russo, apesar das particularidades fictícias do autor, como a glorificação do pobre homem. Essa transfiguração do real ao literário tem origem na *escola natural*, movimento realista russo ao qual Dostoiévski se integrou quando publicou sua primeira obra – *Gente pobre* (1846) – e que buscava o progresso da sociedade russa através da inserção de críticas sociais em suas criações literárias.

Além disso, o autor participou do círculo Petrashevski, movimento literário-social que buscava a valorização do homem e de seu intelecto, enfrentando as noções de poder absoluto do czar e da exploração da mão de obra dos homens comuns pobres.

Na obra a ser analisada, é encontrada uma valorização massiva da figura masculina. O que faz sentido visto o histórico de participações em grupos revolucionários por Dostoiévski. O representante dessa faceta social em *Noites brancas* é o sonhador, apelido usado para fazer referência ao personagem principal sem nome.

Diferentemente, a faceta feminina apresenta-se de forma curiosa e importante do ponto de vista social dentro da obra. A jovem Nástienka possui ideias, que, embora exageradas e irrealistas para a época, constroem sua noção de liberdade social. Em análise, a semente de ideal libertário plantada por Dostoiévski em Nástienka é comparável com a participação das mulheres na Revolução Russa, sessenta e nove anos depois da publicação da obra.

A hipótese desta monografia é atestar que as injustiças sociais russas configuradas nas individualidades de gênero presentes desde a Rússia czarista e se expressam, na obra *Noites brancas*, por meio do par sonhador e Nástienka, enlaçando, assim, ficção e realidade. Sob as temáticas do amor e do sonho, serão discutidas e demonstradas as especificidades de cada gênero através dos personagens construídos por Dostoiévski.

A fundamentação teórica a ser utilizada para análise foi construída por base na interlocução de artigos, livros e revistas que discutem sobre a obra *Noites brancas* (será usada a edição de 2009) e seu autor, Dostoiévski, representante masculino russo, como escritor e revolucionário literário e, do outro lado, a perspectiva feminina que fica registrada pela autobiografia de Kollontai (2007), revolucionária russa, o texto de Costa

(2001) que trata da idealização da mulher no romantismo e o de Schonarth (2015) que aborda a temática do amor na literatura, além de Manzano (2017) e Sirelli e Santos (2017) que tratam, separadamente e respectivamente, do papel da mulher russa na revolução e do protagonismo das mesmas na revolução. Sobre a figura do herói, representado pelo sonhador na obra, abordaremos Arteaga e Bittencourt (2011) em seu texto que discorre sobre o herói moderno, além de Bianchi (2003) que apresenta a crítica de Dostoiévski sobre a realidade russa – por meio da qual foi possível o surgimento desse herói literário – e o de Fonseca (2016) que aborda a Rússia czarista, como Silva (2020) que pontua a figura do herói positivo. Sobre *Noites brancas*, apesar do material escasso de análise sobre a obra, trazemos Bértolo (2014) que descreve em detalhes a figura do sonhador e Tikhomírov (2016), autor russo e crítico da literatura russa, com seu artigo sobre as concepções da obra, especialmente voltadas ao sonhador. Portanto, para que as análises sejam possíveis, faz-se necessário referenciar as grandiosas análises dos críticos literários Lukács (1965) e Bakthin (2013) para fundamentação de uma perspectiva sobre Dostoiévski e suas criações, para que seja possível a análise das individualidades de gênero na vida social dos protagonistas de *Noites brancas*, o sonhador e Nástienka, como personagens que refletem a realidade social, na Rússia fictícia de Dostoiévski.

Com os apontamentos feitos, é essencial lembrar que a figura humana tem lugar privilegiado nas obras de Dostoiévski, o que talvez se relacione à participação do autor em movimentos sociais revolucionários literários contra o czar que abusava da população, do pobre homem trabalhador, e da mulher que, apesar de injustiçada na vida social russa, é representada em *Noites brancas* como uma semente da emancipação feminina que ocorre, em certo grau, com a Revolução Russa, anos depois.

Nesta pesquisa, primeiramente, será feita a comparação entre os gêneros pelo contexto social, relacionado ao próprio Dostoiévski, e seus respectivos papéis sociais. Em seguida, serão discutidas as temáticas do amor e do sonho dentro de *Noites brancas*, uma vez que são tão importantes para a obra quanto para as reflexões sociais às quais se relacionam. Ao longo da monografia, serão discutidos os papéis sociais e as causas para a existência de injustiça para com a mulher russa.

A presente monografia está estruturada em três capítulos.

No primeiro capítulo, *As diferenças sociais de gênero na Rússia de Dostoiévski*, será abordada a origem de Dostoiévski como autor e sua participação nos movimentos

literários, mostrando a realidade social da Rússia czarista através de sua São Petersburgo fictícia, sendo essa a ‘Rússia de Dostoiévski’. Nos subcapítulos, será contrastado o papel social do homem e da mulher quanto às suas realidades sociais respectivas através do sonhador e de Nástienka, evidenciando o paralelo entre a real Rússia czarista e a fictícia Rússia de Dostoiévski.

No segundo capítulo, *O amor realista*, será abordada a temática do amor dentro de *Noites brancas*. Analisaremos, brevemente, como a temática modificou seu sentido e utilização ao longo do tempo na literatura, especialmente na comparação entre os movimentos realismo x romantismo. Na obra, ocorre uma paródia de características românticas esperadas de uma história de amor, que evidencia uma construção de relação amorosa que destoa do romantismo. Nos subcapítulos, serão discutidas as temáticas da idealização romântica esperada de Nástienka e das mulheres, fazendo desta inalcançável, e o papel do homem romântico desconstruído pelo sonhador.

No último capítulo, *Refúgios mentais*, será evidenciada a temática do sonho, essencial para a obra considerando-se o papel do sonhador como personagem principal e narrador da história. Enquanto este, como homem, afunda em si próprio, nas ideias intelectuais, na fantasia do produtivo e na irrealidade da realidade como através da prosopopeia, a mulher, tomando Nástienka como referência, tem sonhos de liberdade que se baseiam mais no exterior social do que em seu interior mental, diferentemente do sonhador. Esse sonho se baseia na busca por conhecimento, validade social e liberdade total. Sonhos que são evidenciados através de seus comportamentos que podemos considerar progressistas. Nos subcapítulos, serão demonstrados e comparados como a temática do sonho está no contexto do homem social de Dostoiévski, representado pelo sonhador, contrário às mulheres russas sonhadoras por mudança social; Nástienka.

CAPÍTULO 1 - AS DIFERENÇAS SOCIAIS DE GÊNERO NA RÚSSIA DE DOSTOIÉVSKI

A sociedade russa, desde 1547, vivenciou o autoritarismo com o czarismo, realidade política e social presente antes mesmo do nascimento de Dostoiévski em 1821, em Moscou. A origem do autor russo como escritor está intimamente relacionada ao conturbado período czarista, pois ele participou da *escola natural* (BIANCHI, 2002-2003, p. 87), movimento literário pós-romântico e inspirado em escritores como Gógol, considerado o pensador ideológico do movimento. A escola explorava temas sociais na representação da realidade com crítica social, como nas reflexões realizadas acerca do “homem sem importância” (BIANCHI, 2003, p. 87), isto é, o pobre homem russo comum em vista do governo autoritário. Participante do movimento, Dostoiévski escreveu e publicou sua primeira obra, *Gente pobre*, em 1846.

Apesar de nascido séculos após o início do czarismo, o autor russo viveu toda a vida sob esse tipo de regime, especificamente sob o poder de quatro czares: Alexandre I, Nicolau I, Alexandre II e Alexandre III. Esse governo autoritário fundia-se ao papel do Estado, tinha controle absoluto e subjugava todas as classes sociais, ricos e pobres igualmente. O fato histórico é relevante para Dostoiévski como escritor, uma vez que:

“(…) na Rússia de Dostoiévski o fator de desigualdade social, de autoritarismo dos czares e de atraso econômico são elementos presentes na realidade do povo russo. Esses fatores provocaram a ebulição desses movimentos radicais” (FONSECA, 2016, p. 47-48).

Segundo Frank (FONSECA apud FRANK, 1992, p. 62), a literatura russa foi criada em conexão íntima com o pensamento russo, amplamente focalizado nas preocupações políticas e socioculturais que ocupavam os cidadãos. Com Dostoiévski, como cidadão russo, não foi diferente. Além de sua participação essencial no hastear da bandeira social da *escola natural* na retratação do homem e recriação da realidade, também foi membro de um dos movimentos radicais mencionados, o círculo Petrashevski, movimento intelectual que discutia as condições de vida russa e era, por consequência, anti-czar.

Suas contribuições tanto no círculo quanto na escola revelaram sua inclinação política e quase lhe custaram a vida quando foi preso em 1849, acusado de conspirar

contra o regime de Nicolau I, sendo membro do círculo Petrashevski. Um ano antes, publicava a última obra antes do cárcere: *Noites brancas*.

Em *Noites brancas*, é possível ver a relação entre real e fictício pela construção psicológica nas relações do personagem, tanto consigo mesmo como com outros, palco central para discussão das problemáticas sociais de sua Rússia fictícia. O homem ordinário, representado pelo sonhador, é desconstruído para se tornar o pobre herói e a mulher, representada por Nástienka, é retratada com pensamentos progressistas, contrária ao papel social esperado da mulher russa para a época. Na cidade de São Petersburgo de Dostoiévski, cenário no qual se passa a história, é possível encontrar uma retratação, apesar de alterada, da real sociedade russa quanto à discrepância social de gêneros, nosso objeto de análise.

O autor, então, espelha a realidade em seu trabalho literário, mas usa de artifícios fantasiosos e críticos, alterando-a, mas mantendo as bases da realidade como a existência de injustiças pela diferença de gênero e comportamentos esperados dos indivíduos, com exceções.

Pelo que foi apresentado, especialmente pelo fundo político-social, é possível classificar Dostoiévski como escritor progressista, no sentido de combater a política autoritária do czarismo, e social, por apresentar e discutir problemáticas sociais e psicológico. O último ponto se dá pelo motivo do ser humano que vive no que pode ser considerado uma ‘sociedade utópica’, uma Rússia de Dostoiévski, ser tema central de suas histórias.

Quando Luckács (1965) discorre sobre Dostoiévski, explica que essa utopia construída pelo autor em suas obras é o sonho de uma realidade onde existam interações genuínas e harmoniosas. “Uma situação do mundo na qual os homens possam se conhecer e se amar, no qual a cultura e civilização não sejam obstáculos à evolução íntima do homem” (LUCKÁS, 1965, p. 84). Ou seja, uma sociedade onde não haja obstáculos sociais para que se possa alcançar uma grandiosa vida humana. Se, nos romances, isso se apresenta como um sonho para o homem, para a mulher, mesmo na Rússia de Dostoiévski, os obstáculos permanecem numerosos.

Para entender a figura feminina na Rússia de Dostoiévski, é necessário recorrer aos textos que explicitam e argumentam a realidade das mulheres russas reais no período do czarismo e no pós-czarismo, especialmente na Revolução Russa ocorrida em

1917. A força da mulher na revolução, que teve como objetivo maior a emancipação feminina, foi essencial para a queda do czarismo.

Para retratar a realidade da mulher no czarismo, Sirelli e Santos (2017) afirmam sobre as mulheres que:

88% não sabiam ler, nem escrever; em algumas regiões os homens podiam sentenciar a morte de esposas e filhas. A inserção na vida política era inexistente, uma vez que as mulheres não podiam votar e nem participar de qualquer organização política (Buonicore, 2007). O casamento era apenas religioso, sendo o divórcio (quase inalcançável) um ritual vexatório. Pela Constituição Czarista, a mulher deveria seguir o marido e não tinha status de cidadã (...) (SIRELLI, SANTOS, 2017, p. 230).

Com a temática *opressão contra as mulheres* não sendo centro de debate até o início da década de 1860 com Friedrich Engels, assim como outros temas importantes acerca da mulher e seus direitos, se torna evidente e justificável a forma como Dostoiévski retrata Nástienka em *Noites brancas*, uma semente para algo maior.

Por isso, considerando a época na qual a obra foi escrita, não é possível tratar da figura masculina e feminina da mesma forma e nem exigir, do ponto de vista moderno, que houvesse uma emancipação feminina num período de controle total pelos czares sobre a vida das mulheres.

Em *Noites brancas*, e até certo ponto na realidade do homem e da mulher russa, enquanto o pobre homem, o sonhador, é cercado por seus próprios sentimentos, glorificação intelectual e noção de superioridade social pelo árduo trabalho, a mulher, Nástienka, possui o papel social de exercer a função de ‘boa moça’, ‘boa esposa’, não podendo ao menos buscar educação e informação por si mesma, apenas com permissão do marido.

Pelos dados discutidos, é possível traçar o paralelo entre a vida de Dostoiévski, participante da *escola natural* e do círculo Petrashevski, e o personagem sonhador de *Noites brancas*, sendo esse privilegiado na São Petersburgo do autor. Por outro lado, a relação entre Nástienka, par do sonhador, e o papel que as mulheres desempenhariam anos depois na Revolução Russa estão intrinsecamente relacionados na busca de fundamentar a discussão sobre as injustiças sociais que ocorriam para com a mulher russa.

As diferenças sociais de gênero se tornarão, naturalmente, evidentes no desenrolar dos subcapítulos e capítulos subsequentes. Os papéis sociais são construídos ao redor do gênero, tanto na realidade quanto na ficção. Nesse cenário, é essencial

entender a obra *Noites brancas*, tecendo o diálogo entre a Rússia real czarista e a Rússia de Dostoiévski, a São Petersburgo e suas noites brancas, pelo ponto de vista do sonhador e em seguida pela forma como *Nástienka* foi construída.

1.1. O círculo Petrashevski e o pobre herói

Como mencionado anteriormente, Dostoiévski é considerado um escritor realista por representar a realidade em suas obras. Apesar disso, sua realidade é singular, já que se altera pela forma de representação fantasiosa e progressista no que toca a representação social da sociedade russa, criando uma realidade específica na qual homens e mulheres interajam.

Com a participação na *escola natural*, Dostoiévski construía cenários nos quais foram possíveis quebrar os limites dados ao homem classificado como sem importância e pobre em todos os sentidos para a sociedade. Almejando para este, como para o personagem do sonhador em *Noites brancas*, a capacidade de grandiosidade do pensar e sentir, mesmo com pobreza social. Esse tipo de representação da busca sem fim do potencial natural (na Rússia de Dostoiévski) do homem, glorificado e intelectual, está presente em muitas de suas obras.

Além de sua participação na *escola natural*, com influência de grandes autores realistas como Gógol, vale ao momento lembrar de sua integração ao círculo Petrashevski, que o influenciou politicamente já que era formado por um grupo de socialistas utópicos jovens. O fato de suas ideias de progresso estarem associadas à *escola natural* e ao círculo Petrashevski, fez nascer a figura do pobre herói em suas obras, uma representação de uma melhor sociedade, um escapismo do modo de vida comandado pelo poder czarista.

Para entender o pobre herói do autor, necessitamos recorrer às características primárias desse tipo de herói:

A dedicação a um propósito específico pode ser considerada uma característica heróica por si mesma e, na literatura russo-soviética, esse propósito irá adquirir aspectos diversos de acordo com a época e suas necessidades, mas aquele que move a ação, o herói, terá sempre uma posição central. (SILVA, 2020, p.5).

Com a representação do pobre herói elevado e com as críticas sociais pela literatura, o círculo Petrashevski, e Dostoiévski, deixa claro suas intenções políticas contra o poder da época, que são percebidas pelo czar Nicolau I, o que ocasiona a prisão

dos participantes. Em paralelo, é possível comparar o círculo Petrashevski e os escritos produzidos pelo grupo que buscava progressão para fundamentação de uma sociedade justa (pelo menos para o homem), e produtora de ideias, com o conceito de herói definido por Silva (2020, p. 300) quando disserta sobre o herói positivo e o conceito de heroísmo: “O herói positivo (...) sua motivação é promover uma ruptura do *status quo* e, dessa maneira, tornar-se um agente da transformação (...) O heroísmo (...) consiste justamente num ideal comum, na defesa de uma causa (...)”.

Após conhecer a realidade pela qual Dostoiévski passava na Rússia, tocamos na obra em questão, *Noites brancas*, publicada um ano antes de sua prisão, com um breve resumo e a descrição dos personagens essenciais para a obra no contexto social da Rússia de Dostoiévski, diferente da Rússia czarista.

A obra retrata a relação do sonhador, personagem principal, com Nástienka durante a época petersburguesa em que ocorre o fenômeno das noites brancas. Isto é, as noites são claras como os dias, sem escuridão. A relação complexa, que perpassa os temas da amizade, amor e sonhos, ocorre ao longo de quatro noites.

Na perspectiva social, como um raio de luz na vida conturbada de Dostoiévski, o sonhador representa um herói positivo progressista: pobre em bens materiais e acredita que possui as bases para alcançar a intelectualidade superior e o prestígio social que provêm disso, uma vez que vive em isolamento, solidão e está constantemente mergulhado nas próprias ideias. Por outro lado, Nástienka, com apenas dezessete anos, sendo nove anos mais jovem que o sonhador, vive mergulhada na ficção, é sonhadora de sua maneira, não em busca de intelecto, mas de liberdade social mínima, e apresenta comportamentos não esperados das mulheres russas consideradas como ‘boas moças’, as quais, na Rússia da época, casavam-se muito cedo, ainda na adolescência. As efervescências rebeldes da personagem, se por um lado inspiram levemente um tipo de emancipação feminina, por outro são apagadas para dar lugar às figuras masculinas na história. A necessidade e os sonhos do sonhador são sempre colocados em primeiro plano.

Por essa razão, neste subcapítulo, trataremos primariamente da figura masculina, com Nástienka sendo retratada no segundo momento.

Como pobre herói da sociedade, o sonhador carrega o grande peso da evolução social para extrapolar quaisquer barreiras. De certa forma, uma das barreiras que o impedem de alcançar a intelectualidade plena é a própria Nástienka, considerando-se

que, ao interagir com a moça, o sonhador precisa manter-se no mundo físico, afastando-se do mundo mental, do fantasioso e essencial para alcançar o intelecto.

Mergulhado no próprio mar de melancolia, o sonhador conhece Nástienka e, como as próprias noites brancas raras e brilhantes, passa por uma transformação momentânea que altera sua percepção da vida com a grande questão: é necessário amar fisicamente ou ser mentalmente intelectual? Ao decorrer da história, se torna claro que para ele só é possível viver em um mundo: na realidade do amor ou no sonho da fantasia.

Com a problemática acercando-se de sua mente, o sonhador dialoga com ela e acaba por revelar sua necessidade de revelar-se como conhecedor das artes ao se apresentar com uma pergunta: “Ora, como posso falar bem, com habilidade e de forma adequada?” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 20), sendo possível comparar o sonhador com a realidade do autor, participante de um círculo intelectual que investiga e discute a arte.

Como a necessidade de escolha entre a realidade e a fantasia, outro paradoxo toma lugar em sua mente. Ao mesmo tempo em que precisa conhecer a arte do falar bem e da comunicação para alcançar o intelecto superior para a produção de ideias, isola-se e mergulha na própria mente para que possa elevá-la, já que a solidão, em sua perspectiva, é cenário de seus sonhos e fantasias produtivas. A produção intelectual mostra-se como algo essencial para o pobre herói, já que é por meio dela que evoluem a sociedade e o homem. A problemática apresentada é: socialmente integrar-se para construir na prática o bem falar ou isolar-se para estudar sobre o bem falar?

Sem resposta concreta, lembramos de uma passagem em que ele discute a importância dos negócios e obrigações, ou seja, dos trabalhos intelectuais, e refere-se a si mesmo como um herói, em:

É aquela hora em que terminam quase todos os negócios, obrigações e compromissos, e todos se apressam para casa a fim de jantar e deitar-se para descansar (...). Nesta hora nosso herói... Permita-me, pois, Nástienka, contar na terceira pessoa, porque é terrivelmente vergonhoso contar isso tudo na primeira pessoa (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 33).

O discurso coloca em prática a definição de bom herói, que se reconhece como herói, e a importância da produção intelectual dentro da sociedade para que essa possa progredir, o que vai contra as ideias absolutas do czar na verdadeira Rússia.

Além da superioridade intelectual e do trabalho do homem, é possível demarcar passagens que mostram comportamentos do sonhador que evidenciam que o mesmo segue a ideologia de superioridade masculina, mesmo que não explícita. Um exemplo é

quando diz acreditar que a mulher não deve se afastar de seu homem, sempre ficando ao seu lado e escutando-o. Outro, quando praticamente demanda à Nástienka voltar ao lugar onde se encontraram para se verem uma segunda noite, com ela dizendo: “Sim, o senhor é impaciente... Está quase exigindo...” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 23).

Um terceiro exemplo é quando o sonhador escreve uma carta em nome dela, cujo assunto é o inquilino, seu primeiro interesse romântico, temática a ser melhor trabalhada no segundo capítulo. Na carta, o sonhador descreve-a com conotações pejorativas como *pobre, solitária, nunca aprendeu a dominar o coração, impaciente, incerta*, entre outras denominações.

O interessante é que mesmo com comportamentos que indicam uma busca por liberdade individual, independente do homem, Nástienka concorda com as afirmações feitas em seu nome na carta. Ou seja, ela sabe a realidade da mulher russa e que não a alterará.

Conhecemos, logo, a figura paradoxal do pobre herói positivo de *Noites brancas* que vive entre a realidade e a fantasia, entre a paixão real e a fictícia ideal, entre a permanência física e a prisão mental e entre a individualidade e a união. A considerar o sistema social russo da época, o sonhador representa na ficção a luta iniciada por Dostoiévski e o círculo Petrashevski, a luta por progressão social, abaixando o poder do czar e aumentando as produções intelectuais.

A seguir, trataremos de Nástienka como a personagem complexa que é, relacionando-a com os ideais revolucionários das mulheres e a temática da emancipação feminina que explodiriam na Revolução Russa de 1917, anos depois da publicação da obra trabalhada.

1.2. Nástienka, Kollontai e a Rússia Czarista

De acordo com os dados apresentados por Sirelli e Santos (2017) apresentados anteriormente sobre o estado das mulheres russas na Rússia czarista, podemos concluir que, com 88% as mulheres não sabendo ler nem escrever, elas não tinham os mesmos direitos de educação básica que os homens.

A falta de oportunidade na educação aliada ao fato de o papel social da mulher russa ser ‘dona de casa, ‘boa esposa’, associada à não participação política, sendo o czar absoluto e, por isso, não há escolha por parte da população do governante, indica alguns

dos fatores que culminam em insatisfação nos corações das mulheres ao longo dos séculos na Rússia, ainda que algumas, por cumprirem esse papel, confortem-se com a ideia de que basta ser uma ‘boa mulher’ para seu marido e essa era, portanto, a extensão e objetivo de suas vidas.

Além da falta de oportunidade na educação, os serviços dados a mulher eram limitados na área de mercado de trabalho. Além de ‘dona de casa’, as mulheres podiam ser “submetidas a longas jornadas nos ateliês e nas fábricas (...)” (SIRELLI, SANTOS, 2017, p. 230), enquanto para as camponesas, com sistema produtivo diferente da cidade, o trabalho era duro e exigente fisicamente, com a submissão ao marido mais potente, uma vez que o tradicionalismo era mais forte, com noções patriarcais predominantes e a supremacia da figura do homem.

A partir das condições sociais da mulher na educação e no trabalho, é justificável que, após anos de insatisfação nessa realidade, ocorressem ascensões de grupos radicais que socialmente organizavam-se para combater o poderio absoluto do czar, como fez Dostoiévski e seu círculo anos antes, mas por motivações distintas: elas lutavam por direitos para a educação e contra a exploração no trabalho da mulher, além de discutir a existência de uma hierarquização social de gênero na sociedade russa, ou seja, de forma geral, a emancipação feminina.

Com o século XIX e as inovações tecnológicas, especialmente com a presença da segunda Revolução Industrial, o progresso da indústria transformava as noções de sociedade no sentido mundial. Exceto na Rússia, onde o czar buscava controle sobre tudo relacionado ao mercado e à produção. Por isso, grupos revolucionários se interessavam pela emancipação feminina, reconhecendo que a força feminina apoiaria o combate contra o czar Nicolau II. Manzano (2017, p. 143) explicita que a emancipação da mulher foi tema presente “Desde os pequenos grupos radicais que se formaram no decorrer do século XIX, passando pelos populistas (*Narodnik*) até os bolcheviques”. As mulheres, por outro lado, ganhariam por levantarem a voz quanto ao fato de sobre serem reduzidas ao papel de mãe, exploradas no trabalho e, ainda, como vítimas da objetificação sexual, que será mais detalhada no segundo capítulo.

Com a revolução iminente, as movimentações de resistência aconteciam. É importante colocar que as lideranças pela emancipação feminina tinham o extrato superior da hierarquia social como representante. Isto é, as líderes eram mulheres e jovens que nasceram em famílias onde tiveram a oportunidade, diferentemente da

maioridade, de ter educação formal e de realizar viagens ao exterior, à Europa, para terem contato com os ideais europeus de liberdade e os trazerem à Rússia. É importante ressaltar que a revolução ocorreu em São Petersburgo, onde Dostoiévski viveu grande parte de sua vida, anos antes.

Uma importante representante política desse período foi Alexandra Kollontai, militante revolucionária russa que, para nossa sorte e para estudo histórico e social da mulher russa, registrou seus sentimentos e participação política em sua autobiografia de 1926.

A revolucionária não frequentava a escola, pois, de acordo com seus pais, seria algo que ‘homem faz’, ou pior, poderia acolher ideias rebeldes que iam contra os padrões sociais de gênero. Apesar de tentarem distanciá-la da luta do feminismo, Kollontai teve uma professora particular, sendo ensinada em casa, Marie Strakhova, que acabou ensinando-a os princípios que os pais temiam. A professora conta-lhe sobre um grupo de jovens revolucionárias e, a partir daí, a trajetória de Kollontai começa.

Em sua autobiografia, *Autobiografia de uma mulher comunista sexualmente emancipada*, de 1926, podemos encontrar passagens de pensamentos de liberdade feminina, como em:

Desse modo, eu posso ser bem sucedida ao enfatizar aquilo que diz respeito à luta pela libertação das mulheres e, além disso, o significado social que isso tem. Que eu não deveria moldar minha vida de acordo com um modelo preestabelecido, que teria que crescer além de mim mesma para ser capaz de discernir o meu verdadeiro ponto de vista, foi uma consciência que eu sempre tive desde a juventude (KOLLONTAI, 2007, p. 26).

Os sentimentos revelam a preocupação da revolucionária com o papel da mulher e a importância de uma libertação que quebre o modelo preestabelecido, sendo este o modelo demonstrado anteriormente, de ‘dona de casa’ e de explorada no trabalho, com escassa oportunidade de educação.

Por isso, Kollontai almejava alcançar uma posição social na qual se sentiria justificada, na qual:

possa fazer as coisas de seu modo, trabalhar, criar e produzir lado a lado com homens e me esforçar para alcançar um objetivo humano universal (...) mas ao mesmo tempo, dirigir minha vida pessoal e íntima como mulher de acordo com minha vontade (KOLLONTAI, 2007, p. 27).

Os pensamentos e objetivos de Kollontai podem ser facilmente relacionados aos de Nástienka, representante feminina na relação de gênero em *Noites brancas*, criada anos antes do nascimento da revolucionária.

A jovem Nástienka, moradora da São Petersburgo de Dostoiévski, a Rússia utópica, está relacionada às questões apontadas por Kollontai e ao papel da mulher em, ao menos, quatro pontos. São eles: (1) a inexistente participação política; (2) o abuso da figura masculina (pela existência da supremacia de gênero); (3) a insatisfação com sua realidade e (4) as ideias libertárias de Kollontai.

Sobre o primeiro ponto, a inexistente participação política, é necessário lembrar que Nástienka foi criada pela avó que lhe deu educação e ensinou francês no próprio lar, além dos modos de uma ‘boa moça’, ou seja, da ‘dona de casa’ russa tradicional. Mesmo com uma educação tradicional e um limitado acesso ao conhecimento, Nástienka luta contra sua realidade, reconhecendo que quer outro tipo de vida. Afinal, para atuar politicamente de qualquer forma, é necessário expressar-se e poder se expressar. Mas, ela reconhece sua realidade e situação como mulher sem liberdade de expressão e se censura quando fala com um homem, ou melhor, com o sonhador, retomando o que conhece dos modos tradicionais quando admite “agi como criança, como uma menina, o culpado de tudo foi o meu bom coração; ou seja, eu me exaltei, como sempre acaba acontecendo quando nos deixamos levar pela emoções.” (DOSTOIÉVSKI, 2009, 27).

Na declaração, coloca a culpa nas emoções e no impulso, ou seja, precisa medir as palavras que fala como uma ‘boa moça’. Isso é um dos princípios que aprendeu com sua criação, com a qual mantém certa fidelidade. Mesmo que a Rússia de Dostoiévski não seja controlada por um czar, se Nástienka não pode falar o que sente com sinceridade e sem censura, além de qualquer mulher, para com os homens, é evidente que não terá participação política, nem mesmo na ficção, onde teoricamente a realidade é melhor.

O segundo ponto, o abuso da figura masculina, está presente em diversos momentos da história. Quando o sonhador conhece Nástienka nas primeiras páginas, ela é perseguida por um misterioso sujeito que cambaleia pelas ruas, seguindo-a. O sonhador a salva, mandando que lhe dê o braço e, nas palavras do sonhador, “ela deu-me seu braço ainda trêmulo por causa da agitação e do susto” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 18). Nas mãos do desconhecido sonhador, o homem embriagado se afasta.

O sucesso da ação implica duas coisas: a) o homem bêbado estava perseguindo-a por ser mulher, seu interesse, e b) um homem, ao menos na Rússia de Dostoiévski, não toma a mulher de outro homem. A honraria ocorre, então, somente entre homens. A

relação de gênero pode ser marcada de forma simples: homem e mulher - poderes desiguais, com mulher sendo inferior / homem e homem - poderes iguais. E nas relações mulher e mulher, como Nástienka e sua avó, há uma tendência de reforçar os padrões de poder sociais dados ao homem, dignificando-o, mais uma razão para permanência da supremacia do gênero masculino.

A conclusão do fato ocorrido, conseqüentemente, que surge naturalmente na cabeça das mulheres russas da época, é a de que mulheres precisam de alguém que as acompanhe na rua e na vida para que não corram o risco de serem abusadas, seja fisicamente, seja mentalmente, e que seja, de preferência, um marido que tome conta delas. O que reforça o papel da mulher como frágil e dependente do homem para fazer qualquer coisa.

Pela insegurança que Nástienka tem nas pessoas, em especial no homem, ela comenta com o sonhador que “(...) não tenho ninguém com quem possa trocar uma palavra, nem a quem pedir um conselho. Claro, não é na rua que se deve buscar conselheiros (...)” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 24). Apesar disso, afirma saber lidar com homens, o que é importante na possível comparação entre essa personagem com Kollontai e as revolucionárias que reconheciam sua realidade, pois o fato de Nástienka entender sua sociedade e as atitudes esperadas do homem são sua forma de combater o que é esperado dela na relação homem e mulher.

O terceiro ponto, a insatisfação com sua realidade, advém dos dois primeiros pontos, lembrando, a inexistência da mulher na política, isto é, a inexistente representação feminina em lugares de importância na evolução da sociedade, e o abuso masculino tradicional russo na relação de gênero.

Por isso, em alguns momentos, Nástienka concorda com a ideia geral de que a mulher não pode tomar conta de todos seus sentimentos, como quando afirma em dúvida “será que temos de prestar contas de todos os sentimentos, mesmo de uma fraterna amizade!” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 24).

A mulher é considerada como uma figura contrária ao pobre herói intelectual superior, ela é incerta, desequilibrada e necessita de algo para sua vida, espaço preenchido geralmente por um homem. No caso de Nástienka, o inquilino poderia preencher esse espaço, o primeiro homem que conheceu quando ele permaneceu na casa da avó, alugando um quarto. A descoberta de que um homem, nesse caso o inquilino, forneça um tipo de liberdade condicionada, é transformadora para sua realidade, apesar

de conhecer homens e nunca ter se interessado por um, o que o inquilino representa é, em seu contexto, a liberdade de ir à ópera e ler livros. Atividades simples como essas eram passíveis de aprovação, sendo necessária a companhia de um homem para realizá-las.

Por último e por isso, as ideias libertárias de Kollontai explicitadas anteriormente estão relacionadas intrinsecamente com Nástienka e sua realidade. Dostoiévski construiu a complexa personagem com comportamentos e ideias que ao mesmo tempo em que reafirmam sua realidade, busca por alterá-la da forma que seja possível. Se para um bom futuro precisa de um marido, é o que busca. Não por amor, mas por liberdade.

Mesmo que não revolucionária, como as mulheres reais de sua época, Nástienka plantou sementes de forma que seu criador não esperava, em dúvidas que tratam da questão da mulher em seu papel social e, por consequência, da emancipação feminina que floresceu apenas anos depois, na época da revolução.

Em paralelo, Kollontai atuou ao lado de revolucionárias pela fundação de uma vida de independência e equidade feminina, enquanto Nástienka decidiu ao final da obra casar-se com o inquilino em busca de sua liberdade, mesmo que condicionada. Ao aliar-se, viu que não havia cumprido seus objetivos totalmente, pois amava o sonhador, mesmo assim continuou buscando por liberdade social, mesmo que fosse aos poucos. Como Nástienka, de acordo com Sirelli e Santos (2017, p. 240), apesar dos objetivos da resistência, a força das mulheres dentro da Revolução Russa teve grande impacto social, mas não se realizou como pretendido, visto em:

A URSS não produziu mais nomes expressivos como Krupskaja, Alexandra Kollontai ou Inessa Armand. A explosão da participação política das mulheres, iniciada com a Revolução Russa, não foi concluída e refluíu. Os comitês femininos que jogaram um grande papel pós-revolução perderam força e desapareceram. O feminismo, inclusive na sua vertente socialista, passou a ser considerado um desvio pequeno-burguês (SIRRELI, SANTOS apud Buonicore, 2007, p. 15).

Logo, o movimento de emancipação feminina surgido no período czarista perdura até os dias de hoje. A luta social da mulher russa por espaço e prestígio na sociedade, independente do gênero, é uma luta de vários nomes. A esperança e o esforço para alcançar a liberdade algum dia são o que unem a Rússia czarista e a Rússia de Dostoiévski no ponto de vista feminino.

Kollontai e Nástienka apesar de diferentes realidades e contextos, apresentam bases parecidas de pensamento quanto à criação, com ambas sendo educadas no próprio lar com leituras que expandiram suas mentes para além da realidade, em busca de uma realidade melhor, afastando-as da figura de 'dona de casa'. Ambas reconhecem a inexistência da mulher quanto à representação política, mesmo que implicitamente, e o abuso da figura masculina e a insatisfação com a realidade.

A seguir, trataremos da temática do amor dentro da literatura e como esta impacta a obra em análise, especialmente quanto à figura do homem romântico e a idealização da mulher inalcançável.

CAPÍTULO 2 - O AMOR REALISTA

Como descrito no primeiro capítulo, Dostoiévski une experiências sociais reais com a literatura fantasiosa para construir uma Rússia fictícia em que as pessoas possam expressar, de forma mais livre, o que sentem. A dinâmica de política de poder czarista é deixada de lado nesse cenário para que possa ser retratado um povo capaz, pelo menos no que diz respeito à figura do homem, de evoluir através da tecnologia, do intelecto e do esforço. Um dos temas bem retratados em *Noites brancas*, além dessa evolução humana, é o amor. Como tema literário, de forma geral, o amor é extenso na história da humanidade e retratado de forma a depender do contexto social e intenção do autor. É essencial entender que Dostoiévski foi da *escola natural*, ou seja, um grupo de escritores e intelectuais realista.

Sendo assim, o amor não é retratado como no romantismo, apesar dos elementos que o lembram. Isto é, em *Noites brancas* os elementos românticos são postos como paródia do amor retratado pelo romantismo. Para entender a paródia como recurso literário, é necessário entender alguns dos elementos que compunham o movimento romântico. Dois notáveis são: (1) a importância do amor e (2) sua permanência para além da vida.

Gai e Schonarth (2015) definem os personagens da literatura romântica como possuindo o objetivo comum da consolidação amorosa, mesmo que sua vida esteja em risco. Como podemos vislumbrar em:

Na literatura romântica, um dos temas que mais constituem enredos é o amor e os impasses que impedem a felicidade dos casais amorosos. Percorrendo caminhos sinuosos em busca da consolidação amorosa, os personagens, muitas vezes vistos como heróis, tropeçam em diversos obstáculos impostos pela moral da sociedade burguesa. Contudo, o preço da solução desses conflitos é tão alto que tiram do personagem o que ele tem de mais valioso, além do amor: a vida (GAI, SCHONARTH, 2015, p.3).

A definição acima se refere à ideia do amor ser tão valioso quanto à própria vida dos envolvidos na relação, significando dizer que perder o(a) amado(a) é tão forte quanto perder a própria vida. Isso é, sem questionamentos, uma das características retratadas no movimento do romantismo.

Assim, a morte é, diversas vezes, considerada o fim inescapável de uma paixão. Além dos sacrifícios amorosos, incluindo a própria vida, ainda há a questão do amor eterno. Ou seja, a permanência da relação para além da vida na terra. O amor transcende a carne e alcança o estado da união dos espíritos.

Logo, os elementos apresentados fundamentam bases do romantismo, assim como o sentimentalismo, a subjetividade e a narrativa, na maioria, trágica. Enquanto no realismo, há maior preocupação com problemáticas sociais gerais, a objetividade e a retratação da vida como ela é. Dostoiévski é realista, apesar de utilizar os elementos românticos descritos, pois seu foco é o psicológico dos personagens através de suas ações e sentimentos, mas não com o objetivo da paixão eterna, mas como se fossem indivíduos reais, dinâmicos em sentimentos e ações.

Entendemos que enquanto as relações amorosas no romantismo se dão por obstáculos sentimentais e, por vezes, sociais como a hierarquia social, no realismo, a subjetividade e a psique são ressaltadas. Tanto que, por isso, é possível entender o ponto de vista tanto do sonhador quanto de Nástienka, não como uma só entidade amorosa. As problemáticas do amor em Dostoiévski são voltadas para o encontro da psicologia de cada personagem.

Um elemento importante no contexto amoroso é o entendimento do amor como um fim de praticidade financeira, um objetivo monetário. O romantismo trata da noção de casamento arranjado, mas diferente das histórias, o cavalheiro prometido nunca apareceria para aquelas mulheres reais que estavam sendo obrigadas a casar.

Gai e Schonarth (2015, p.167) citam Rougemont que discorre sobre como o casamento era um meio de enriquecimento para os senhores de terra e se o negócio fracassava a mulher era repudiada, deixada pelo marido. Nessa situação retratada diversas vezes na literatura, o amor e a exploração confundem-se e é possível analisar se o objetivo da relação é amor ou exploração para cada contexto em que podemos encontrá-lo.

No caso de *Noites brancas*, tanto para o inquilino quanto para o sonhador, não há a obrigação de Nástienka casar com nenhum para fins monetários, pois ambos são homens pobres que buscam alcançar *status* na sociedade russa, contrariando a forma como a temática do casamento é retratada nos escritos do romantismo. Apesar do comportamento respeitoso para com Nástienka, o sonhador não é um cavalheiro milagroso que salva a vida dela, mostrando uma possibilidade de outra vida, maravilhosa, pois ela, individualmente e através das oportunidades trazidas pelo inquilino, já construiu sua ideia de liberdade.

Ao passo que o romantismo retratava o amor idealizado, perfeito e infinito, para além da vida e totalmente recíproco, Dostoiévski e o realismo criticavam o fato dessas características serem ideais, pois o amor, para eles, é uma relação humana onde há problemáticas maiores em cada personagem para além da união social. O drama e a melancolia apresentados em *Noites brancas* não são por conta apenas do amor, mas pelos problemas na vida de cada um. O romance é apresentado de forma humana e os exageros buscam criticar, fazendo paródia, a noção do amor romântico idealizado.

Outro fator, além do casamento, é a noção da ‘mulher perfeita’ retratada no romantismo que em nada tem relação com Nástienka, apesar de o sonhador descrevê-la como bonita e educada. Quando conhecemos a história da personagem, entendemos que os adjetivos do sonhador usados para descrevê-la buscam uma paródia da ‘mulher perfeita’. Como escrito no primeiro capítulo, apesar da educação tradicional pela avó, Nástienka não se apresenta para nenhum homem como uma jovem sedutora, muito menos um anjo milagroso.

Assim, Nástienka difere da noção de ‘mulher perfeita’, retratada pela ‘mulher anjo’, que pode ser encontrada em:

A mulher anjo é a purificadora do coração do amante, capaz de enobrecer sua alma e de fortificá-lo (...) desperta-lhe a sensibilidade para o belo, encoraja-o na sua missão política ou patriótica, revigora-o moralmente. É a mulher benfeitora, a conselheira e guia: a mulher que reflete a luz divina, a mulher inspiradora. O amor, neste caso, aparece como uma virtude: todo amor é sincero e, por isso mesmo, nobre e edificante. (COSTA, 2001, p. 10)

A mulher tradicional, ‘dona de casa’, companheira e conselheira que enobrece o homem, não é a apresentada em *Noites brancas*. Essa obra quebra as expectativas românticas ao apresentar uma proposta de amizade ao sonhador e não romântica, apesar da breve relação amorosa quando vê uma janela de liberdade que o sonhador pode lhe dar ao final da obra. Outro fator é que diferentemente das mulheres que morreriam em nome do amor no romantismo, o desejo de liberdade social de Nástienka está bem acima de seus desejos carnis e sentimentais românticos.

Ou seja, é uma personagem multifacetada, não ‘dona de casa’ ou ‘mulher perfeita’ ou ‘mulher anjo’, mas que prioriza a si mesma antes de uma relação amorosa, apesar de, aos olhos do sonhador, ser, em momentos, descrita como idealizada e semelhante à de seus sonhos. Além da desconstruída Nástienka, o sonhador também apresenta ações que contrastam com a figura do homem romântico.

Uma delas é ajudar Nástienka ao escrever uma carta para o inquilino que não lhe contactou. Esse ato, apesar de revelar que o sonhador tem sentimentos por ela, mostra uma ação que homens do romantismo não teriam, pois lutam pela mão da mulher contra todos os obstáculos possíveis, mesmo que tal luta signifique sua morte. Não auxiliariam sua amada se isso significasse que elas deixá-los-iam. Em momento algum o sonhador diz que morreria por Nástienka.

Outro aspecto a ser ressaltado é a individualidade emocional. Não há floreios, o sonhador tem ciúmes, apesar de ajudá-la a contactar o inquilino. Enquanto a subjetividade do romantismo diz respeito ao sofrimento amoroso por querer a união acima de tudo, Dostoiévski critica essa noção ao colocar como cada um encara a situação, contrastando as individualidades emocionais: o sonhador tem ciúmes e sentimentos amorosos x Nástienka que deseja companheirismo e apenas amizade dele. O bem maior não é a relação e sim a individualidade, sentimento natural e real do ser humano.

Portanto, o sonhador e Nástienka são construídos de forma que torna perceptível o quanto são guiados por suas vontades e desejos individuais. A temática do amor é retratada por paródia do romantismo e ações individuais que reafirmam a lógica da individualidade sob o absolutismo romântico.

Por fim, o amor como tema literário é complexo e depende do contexto da obra, com rotas de leitura e interpretação. No romantismo, a figura da mulher era a de anjo, ideal, companheira, inalcançável, bela e dignificada por aliar-se ao homem. Em *Noites brancas*, é retratado o sonhador que constrói uma relação natural com Nástienka, ora idealizando-a e ajudando, ora agindo de forma individual e ciumenta. E apesar dela escolher o inquilino, ele não morre por amor como os apaixonados do romantismo. Por outro lado, Nástienka constrói uma relação sincera de amizade, sem objetivos iniciais de casamento ou promessas infinitas de amor. Assim, é construída uma relação quase anti-romântica, tomando o romantismo e suas características como modelo, apesar de ter características que o lembram.

A seguir, analisaremos a relação complexa construída por Dostoiévski, apresentando exemplos a fim de demonstrar como as perspectivas sociais do sonhador e de Nástienka, respectivamente, se encaixam na temática romântica.

2.1. O homem romântico

Antes de tudo, é necessário lembrar que, como retratado no primeiro capítulo, o pobre herói positivo era a figura de destaque na corrente do realismo russo, uma vez que representava, dentro da estética literária, o ápice das ideias progressistas para a evolução social. Sendo a construção e o prestígio social através do intelecto, o foco desse tipo de herói, o amor e a paixão são temas que podem transcorrer por sua jornada, mas não serão prioridade.

Por isso, é lógico que Dostoiévski não construiu o sonhador para ser primariamente um homem romântico, mas como crítica a esse tipo de arquétipo. Ao construí-lo, tece um personagem que transforma a forma como vê o mundo por causa da paixão, o que podemos encarar como uma paródia do homem romântico do romantismo. Antes mesmo de conhecer Nástienka, o autor revela que, como as noites brancas transformam momentaneamente o cenário, iluminando as noites, a paixão transforma a obscuridade do sonhador em luminosidade emocional. “(...) que força fez esses olhos tristes e pensativos brilhantes com um fogo assim? O que trouxe sangue para essas faces pálidas e ressequidas? O que regou de paixão esses traços delicados do rosto? (...) (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 16).

Quando ele reflete sobre essas questões, é possível traçar paralelos na relação entre a luz mencionada e as noites brancas como momento que propiciou a descoberta da paixão para ele, assim como os olhos tristes e pensativos com os próprios olhos. Sendo ele, antes de conhecê-la, triste e pensativo (sonhador), transformando-se no contato real e ardente, chegando a admitir que sacrificaria o estilo de vida intelectual e de isolamento para que pudesse ter um dia de amor real. Ao conhecer e se apaixonar pela pessoa que Nástienka é, é a primeira vez que pergunta para si e para ela se seu tipo de vida em isolamento e melancolia, com a nostalgia alimentando-o por dias, é o melhor tipo de vida ou se existe uma vida melhor esperando-o.

A força transformadora da paixão é o que leva leitores e críticos creditarem *Noites brancas* como a história de Dostoiévski que mais se aproxima do romantismo. Contudo, como afirmado implicitamente ao final da história de forma irônica, com Nástienka o deixando, a paixão é justificada como um momento e não o objetivo de uma vida. O amor não é eterno, muito menos o fim da vida, pois o sonhador segue em frente, afundando na sua escuridão mais uma vez. Nas palavras dele, tudo não passou de

“um momento inteiro de júbilo!” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 82). Um breve momento de felicidade.

Lukács (1965, p. 153) discorre sobre a transitoriedade para os personagens de Dostoiévski, comparando-os àqueles que estão à espera em uma estação de trem, cuja estação não é o lar e o trem não leva a um destino final, mas de um ponto ao outro. Segundo o autor, isso exprime o sentido da vida dos personagens.

Nessa interpretação nada é eterno, mas dinâmico como os sentimentos, especialmente do sonhador, que alteram bruscamente ao longo da obra e o modo de vida que, quando questionado, pode mudar drasticamente de um segundo para o outro, com nada sendo absoluto e infinito, nem mesmo a paixão.

Por consequência, a paixão é passageira, voraz e intensa ao transformar o homem herói no homem apaixonado, mesmo que por alguns dias. Algumas características semelhantes ao homem romântico, construídas na obra como paródia ou alteradas para encaixar no contexto do realismo, são: (1) a sensibilidade extrema, (2) a superação de barreiras naturais, (3) a não consumação do amor.

O primeiro ponto, a sensibilidade extrema, é encontrado quando o homem revela seus sentimentos para com a amada. Diferentemente do romance romântico, o sonhador apresenta uma sinceridade honesta, sem pensar nas melhores palavras para conquistá-la ou se o que fala vai afastá-la. Ele dialoga sobre o que pensa e sobre seu modo de vida, esperando que ela o escute, mesmo que não compreenda. Não há intenções de amá-la, pelo menos no início, pois a paixão se constrói pelas conversas compartilhadas ao longo dos dias juntos. A honestidade na conversa toma espaço para além de um objetivo romântico, pois é social, expressa a necessidade humana de conhecer verdadeiramente quem o outro é através de confiança.

Na análise das características da literatura pré-romântica, é possível descrever a sensibilidade como “transbordamento de emoções e lágrimas fáceis, atitudes implorativas, posição de joelhos, súplicas e enternecimentos que empolgam tanto as figuras femininas como as masculinas” (COSTA, 2001 apud TIEGHEN, 1948). O sonhador tem essa atitude quando diz que já pensou em falar com mulheres de modo tímido, respeitoso e apaixonado, revelando suas emoções em:

“de um modo tímido, respeitoso e apaixonado; dizer que estou morrendo sozinho, que ela não me rechace, que não há maneira de conhecer qualquer mulher que seja, sugerir-lhe que é até mesmo uma obrigação da mulher não rechaçar a súplica tímida de um homem tão desgraçado quanto eu” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 21).

A sinceridade para com Nástienka, revelando sua sensibilidade extrema, mostra que o sonhador busca ser mais honesto que conquistá-la como um homem romântico. Não afirma que é um homem forte ou rico, o melhor que ela poderia ter, não busca conquistá-la, mas diz-lhe a verdade, fugindo do arquétipo do homem romântico, constituindo uma paródia. Ao mesmo tempo em que, no contexto de Dostoiévski, o sonhador é um herói russo, não é um homem romântico que guia pelas diretrizes do romantismo.

Quanto ao segundo ponto, a superação de barreiras naturais, é interessante considerar a análise de Luckács ao discutir Dostoiévski, “o problema da superação das barreiras (...) casos onde se apresenta um autêntico motor da alma indica o futuro, e mostra a força, que não pode ser detida, da humanidade” (LUCKÁS, 1965, p. 160). Isto é, não importa o que aconteça, para os personagens de Dostoiévski, não há finitude pelo sentimento, no sentido social e não romântico, por isso lutarão pelas razões sociais enquanto vivos.

Entendemos dessa maneira que a evolução humana é maior que o ardor apaixonado do sonhador e ele parece saber disso. Pois, apesar de em um momento sentir uma tristeza mortal no coração, o tempo lento e declarar-se à Nástienka e estar junto dela, sua mente nunca desiste dos sonhos e da fantasia, dos fundamentos do conhecimento e do intelecto. O mais importante não é o romance, mas a evolução, a quebra de barreiras naturais. A paródia aumenta sua potência quando lembramos que ele ajudou Nástienka a escrever uma carta ao seu amado original, o inquilino. E quando estão juntos, ela e o inquilino, distantes, o sonhador deseja que ela tenha uma vida boa, apesar de não ser com ele. A maturidade e o respeito emocional do sonhador é, sem dúvidas, a maior quebra de expectativa, mesmo Dostoiévski utilizando características e sentimentos românticos na configuração desse personagem. O sonhador fez tudo que podia, levando em consideração a realidade criada pelo autor, tanto no sentido romântico quanto realista e mesmo sem sucesso, a vida continuou. Quanto mais o personagem se aproxima da veracidade humana, mais distante está do homem romântico forte e idealizado.

O terceiro ponto, a não consumação do amor, está relacionado ao desfecho já discutido em que ele não consegue permanecer com ela por muito tempo, nem consumir o amor como os casais românticos, mesmo tendo vivido nas nuvens do amor

por um segundo com Nástienka. Precisa seguir a vida solitária, melancólica, nostálgica e sonhadora após ser deixado.

Minhas noites terminaram pela manhã. O dia estava ruim. A chuva caía e batia melancolicamente em minhas vidraças; no quarto estava escuro, lá fora encoberto. Minha cabeça dóia e girava, a febre se infiltrava em meus membros (DOSTOIÉVSKI, 1848, p. 79).

O amor não é conquistado, mas há a quebra de barreiras naturais por parte do sonhador que interage socialmente e aumenta seus horizontes, voltando ao seu modo de vida solitário levemente transformando e, Dostoiévski faz parecer seu destino de vida, na busca contínua por prestígio intelectual para a construção de um bem maior que existe para além de si: a humanidade.

Por fim, quando focalizamos o homem romântico de Dostoiévski, é possível encontrar a paródia e as ironias sociais que buscam criticar a forma como as relações funcionavam no movimento do romantismo ao dar, em *Noites brancas*, destaque para relações verdadeiras, sem ilusões ou flores, mas verdadeiros e difíceis sentimentos humanos de sinceridade amorosa, tristeza, esforço e a busca por objetivo de vida, que com certeza não é o amor. Nem para o sonhador, e como veremos, nem para Nástienka.

A seguir, será discutido o vislumbre feminino na temática da paixão e do amor, com a idealização da figura da mulher e o impacto disso socialmente e psicologicamente. Diferentemente do sonhador, ela precisa da relação muito mais do que do amor, para que possa sustentar sua liberdade que precisa da aprovação de um homem.

2.1. A mulher inalcançável

Pelo que mostramos ao início do capítulo sobre o romantismo e o realismo, podemos entender que Nástienka não buscava condenar os homens ao amor eterno e a promessas sem escrúpulos. Na realidade czarista, o papel a ser desempenhado pela mulher era de ‘boa esposa’ na “sociedade patriarcal e cristã” (SIRELLI, SANTOS, 2017, p. 230).

Quando as autoras citam Engels (SIRELLI, SANTOS apud Engels, 1981, p. 182), pautam que a emancipação da mulher na equiparação ao papel social desempenhado pelo homem na sociedade russa é impossível quanto à comparação de justiça. Pois a mulher permanece excluída de altos cargos, explorada no trabalho e

confinada ao papel doméstico de mãe e ‘dona de casa’, com tarefas domésticas e cuidando dos filhos apenas. Conceitos típicos de uma sociedade cristã, pelo menos na época, já que a Rússia em 1997 afirmou a existência de outras três religiões oficiais.

Nástienka, personagem fictícia, reconhece essa realidade da mulher, mas ainda sim busca por liberdade individual, por viver da forma como quer, ir para onde quiser, mesmo que precise estar casada. Ela conhece o homem como uma figura para a qual não pode dirigir uma palavra e da qual depende para que possa se casar e assumir uma liberdade, mesmo que condicionada. Há uma busca implícita por correr dos valores postos pela sociedade cristã russa de ‘boa esposa’ e ‘dona de casa’.

Os valores românticos da ‘mulher inalcançável’ do romantismo, sendo angelical, bela como uma deusa, misteriosa e de difícil contato, podem ser vistos na forma com que o sonhador descreve Nástienka, já que a história é contada por seu ponto de vista, sua subjetividade masculina. Apesar disso, ao conhecê-la, é possível compreender que é uma paródia da mulher inalcançável, já que ela não possui tais características e não busca atender as expectativas mencionadas; é sincera, amiga, alcançável e busca sua felicidade de forma honesta, não traiçoeira ou misteriosa. Mesmo lendo romances ao longo da história, não parece se espelhar nas mulheres inalcançáveis do romantismo.

O valor romântico da misteriosa figura feminina inalcançável pode ser visto quando ele vê Nástienka pela primeira vez, com ela “chorando; e daí a um minuto mais um soluçar, e mais outro. Meu Deus! Fiquei com o coração apertado (...) teria dito: Senhora!, se não soubesse que essa expressão já fora pronunciada mil vezes em todos os romances russos mundanos” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 17).

Outra vez, ele descreve uma mulher impossível, fruto de seus sonhos e de sua mente fantasiosa, comparando-a com Nástienka, mas acaba por ter os pés na realidade quando admite que nem sequer pode conhecer a mulher que ama em suas fantasias, pois não a viu além dos sonhos, já que ela não existe. No mesmo momento, o sonhador discute sobre a ilusão do amor: “Sim, Nástienka, nós nos enganamos e sem querer acreditamos que uma paixão autêntica e verdadeira turva nossa alma, sem querer acreditarmos que há algo vivo, palpável, em nossas ilusões imateriais! (DOSTOIEVSKI, 2009, p. 39).

É interessante, no ponto de vista do sonhador, como há uma clara distinção entre a mulher real (Nástienka, representante do realismo) e a mulher inalcançável (Ilusória, representante do romantismo), uma relação, no mínimo, irônica por parte de Dostoiévski, pois as duas não poderiam, teoricamente, coexistir. Logo, a problemática

cria-se: permanecer na realidade (com Nástienka) ou viver nos sonhos (com a mulher impossível)?

Para ela, a problemática é distinta. Não envolve a figura de um cavalheiro ou homem romântico, mas a necessidade de criar uma relação, depois casamento, que lhe dê frutos positivos para que possa viver liberta. A questão gira em torno de: amar é necessidade ou escolha?

Para Nástienka, é possível desvelar essa relação mais como necessidade que como amor ou paixão, mesmo que ela admita amar tanto o inquilino quanto o sonhador. Pois, considerando o contexto social de gênero, para realizar seus desejos de fazer o que quer quando quer, o matrimônio se torna uma necessidade.

Os desejos de liberdade social podem ser encontrados na forma como Nástienka trata o sonhador e outros, como o inquilino. É respeitosa e amigável e sincera, nunca distante ou misteriosa como as donzelas do romantismo. É clara nas intenções nas primeiras palavras trocadas com o sonhador. Não quer que ele pense mal dela, ou seja, que ela esteja se aproveitando da situação quando anuncia “apenas não vá me julgar mal, hein? Não pense que concedo um encontro tão facilmente...” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 23). Uma segunda passagem que exprime sua sinceridade, sugerindo uma amizade, pode ser visto quando diz que seu coração não está pronto para amar em:

Antes de mais nada (apenas faça o favor, faça o que vou pedir, veja que estou falando francamente), não se apaixone por mim... Isto não pode ser, eu asseguro. Para amizade estou pronta, aqui está minha mão... Mas apaixonar-se, não, eu lhe peço! (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 24).

A sinceridade, a amizade e confiança sem enganações ou mistérios, pois revela tudo ao sonhador, incluindo sobre o inquilino e a avó, são ações que a fazem ser grande representante real de uma mulher russa e complexa, distanciando-a da mulher inalcançável descrita pelo sonhador.

O inquilino é o homem com o qual Nástienka cria um laço afetivo em função de ele representar uma janela para a liberdade que nunca antes ela tinha visto. Ele lhe dá livros e a leva para a ópera, ações que para ela são incríveis e representam um mundo melhor. Com o sonhador, ao final da obra, vê outra janela de liberdade e aceita sua proposta de relacionarem-se, antes de ir embora com o inquilino pela última vez. Logo, não importa se é o inquilino ou o sonhador, ela não busca verdadeiramente um amor em homens, mas alguém que lhe possa trazer liberdade.

O sentimento de que o homem pode ser uma janela para a liberdade pode ser encontrado quando o inquilino demora cada vez mais a se hospedar na casa onde

Nástienka vive, desaparecendo por muito tempo. Ela fica insatisfeita e inquieta ao imaginar que não irá mais vê-lo, pois nunca poderá fazer mais nada fora de casa, precisando viver aos moldes de ‘boa moça’ da avó pela eternidade.

Outro fator que prova, mais uma vez, como Nástienka se afasta da ‘mulher inalcançável’, é quando descreve o inquilino, ao vê-lo pela primeira vez, como alguém distinto, sem borboletas ou sentimentos românticos. Ela não se apaixona imediatamente como as mulheres românticas, mas constrói um interesse quando vê o que ele pode representar, sua liberdade.

Quando ele volta, ela o encontra em seu quarto com as malas prontas e implora com lágrimas para que se casem. Apesar de o inquilino admitir que queira, afirma não estar preparado para sustentá-la, pois é pobre, como o sonhador, típico dos homens de Dostoiévski. Com a promessa de voltar um ano depois, na sorte de alcançar maior posição social, se despedem.

Em paralelo, meses depois, na terceira noite encontrando com o sonhador, ele admite amá-la, mesmo que no início ela tenha falado para ele não se apaixonar por ela. A surpresa a faz admitir que não tinha percebido sinais de paixão, uma vez que não era seu objetivo para com ele, e sim a amizade e a confiança dirigidas a um tipo de homem que não conhecia, com o qual podia conversar igualmente, sem pensar na diferença de gênero.

Apesar dos sentimentos conflitantes, acaba comprometendo-se com o sonhador pelo fato de o inquilino não surgir após a data prometida e acabam criando planos para a união e o casamento. Mesmo acreditando nesse futuro por poucas páginas, Nástienka não é a mulher inalcançável que vive numa atmosfera misteriosa e quase divina como a mulher que o sonhador pinta em seus sonhos e espelha nela.

A quebra definitiva da noção de ‘mulher inalcançável’, dando lugar à mulher real, acontece quando o sonhador aponta o céu, anunciando como está azul e como a lua está amarela, mergulhado em si e na fantasia, esperando que Nástienka sinta o mesmo. “Mas Nástienka não olhava para a nuvem; ela estava calada, como que plantada no lugar (...)” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 77).

Ao final da obra, ela envia uma carta ao sonhador, já aliada ao inquilino, pedindo perdão pela relação rápida com o sonhador, apesar de, pela análise dos dois personagens, entendermos que ambos tinham objetivos diferentes na relação. Enquanto ele projetava um amor impossível e a ‘mulher inalcançável’ nela, idealizando-a, ela era

sincera e buscava ter liberdade condicionada, a única possível para as mulheres da época tanto na ficção quanto na realidade, pela relação e pelo casamento.

Podemos concluir, na construção dos subcapítulos, que o sonhador representa uma figura paradoxal romântica que vive entre o sonho e a realidade, entre o possível e o impossível e entre a idealização e a realização. Diferentemente, Nástienka representa o amor real e físico, sem idealizações românticas, que necessita do matrimônio para um bom futuro e para a liberdade social condicionada. Também é distante da ‘mulher inalcançável’ mesmo com as descrições do sonhador, pois tornam-se paródias quando consideramos a sinceridade, honestidade e simpatia da personagem, sem mistérios, segredos ou promessas fantasiosas. Não é anjo ou demônio, mas mulher comum e complexa. Não é romantismo, é realismo.

No capítulo seguinte serão laçadas as construções analíticas até o momento e os fatores sociais e românticos serão tomados pela perspectiva de gênero, com a temática do sonho, que é a fantasia para o sonhador e a liberdade para Nástienka. Sonhos importantes quando consideramos que, na São Petersburgo de Dostoiévski, são refúgios mentais para a sobrevivência humana.

CAPÍTULO 3 - REFÚGIOS MENTAIS

Seres humanos são pensantes por sua natureza racional. A mente é um complexo emaranhado de sentimentos, ações e reações, ideologias e funciona como lar da humanidade, uma vez que o conceito de sociedade foi construído pelos primeiros que se organizaram em uma cadeia de relações humanas.

Desde sempre, pensadores e filósofos questionam a existência do ser e seu objetivo de vida na terra. Não é coincidência que Dostoiévski realize a construção psicológica através de sentimentos e ações expressos na história pelos personagens, o que se constitui como sua marca autoral. Ele também busca investigar a mente humana, seu comportamento e suas ações em determinado contexto em que seja possível a interação, ou seja, através da ficção.

O campo da mentalidade representado em *Noites brancas* é digno de discussão. Além do contexto social e amoroso, podemos ter uma reflexão pelo ponto de vista do sonhador, personagem de destaque, quanto ao mergulho em si mesmo e numa vida fantasiosa, irreal e sonhadora. Por outro lado, Nástienka possui sonhos mais próximos da realidade, no sentido de imaginar o melhor para sua vida, uma liberdade na qual possa viver de forma minimamente autônoma. Apesar de diferentes, ambos possuem seus refúgios mentais.

Dostoiévski tece os personagens de forma magistral, fazendo-os independentes da existência do autor, como analisa Bakthin (2013, p.3) ao escrever que na literatura de Dostoiévski “O herói tem competência ideológica e independência, é interpretado como autor de sua concepção filosófica própria e plena (...)”, não se misturando ao autor.

Como discutido no primeiro capítulo, o pobre herói positivo de Dostoiévski ganha maior destaque na sociedade que sua inspiração real. A glorificação do pensamento e do trabalho intelectual do homem é essencial para a evolução da sociedade, algo positivo dentro do contexto da Rússia do autor.

Além da voz do sonhador, há, em menos frequência, a de Nástienka. Os personagens são entidades independentes do autor e isso é essencial para diferenciá-los e analisar os sonhos e objetivos de cada um deles em contextos sociais diferentes do de seu criador que vivia na Rússia controlada por um czar. Por isso Bakthin (2013) entende as obras de Dostoiévski como romances polifônicos, porque são apresentadas diversas vozes dentro da narrativa.

Para iniciar, vamos tratar do sonhador e sua relação com a realidade e a ilusão, e consciente e inconsciente.

A relação do sonhador com a realidade e a ilusão é desenvolvida com grande força na narrativa. Nas palavras de Silva (SILVA apud CARUS, 1970, p. 55-56), no contexto dessa contradição, há domínio da necessidade sobre a esfera do inconsciente e a liberdade vem do domínio do consciente. Ou seja, é uma necessidade humana dominar o inconsciente (ilusão), mas a liberdade só ocorre com o domínio do consciente (realidade).

Podemos encontrar diversas passagens em que o sonhador busca dominar sua consciência para alcançar maior prestígio social, domínio do intelecto e das palavras, logo, das técnicas. Como quando se apresenta à Nástienka e admite que não queria introduzir quem é sem pensar nas palavras apropriadas, pois está caminhando para o domínio intelectual, para o campo, cenário dessa evolução, onde os intelectuais se reúnem para discussão e evolução social.

Apesar disso, pelas características apresentadas anteriormente de melancolia, nostalgia e solidão, o sonhador vive mais em seu inconsciente que no mundo material. Em certa passagem, ele conta:

“No quarto a escuridão, em sua alma o vazio e a tristeza; um reino inteiro de sonhos desmoronara ao seu redor, desmoronara sem deixar vestígio, sem ruído e estrondoso, passou como um devaneio, e ele mesmo não se lembrava do que sonhou” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 36).

A passagem revela que tem domínio do inconsciente, não do consciente. A realidade é a ausência do sonho, difícil e cruel. Com a realidade e o sonho oferecendo diferentes coisas, é como se ele quisesse viver a realidade e o sonho ao mesmo tempo, para que pudesse aproveitar o que há de melhor nas experiências humanas.

Assim sendo, não é mistério que, por viver a maior parte do tempo em sua cabeça, seja solitário, introspectivo, orgulhoso, nostálgico e melancólico e até, como descreve a si próprio, misantropo cômico. E mesmo com aversão às pessoas, interage com Nástienka. Como se ela fosse especial, um anjo, a mulher inalcançável de seus sonhos que nunca pensou que existiria, comprovando a mistura da realidade e dos sonhos, da realidade e da idealização, do consciente e do inconsciente.

Agora, vamos tratar de Nástienka e sua relação com a realidade e os sonhos e como as experiências positivas e negativas moldam sua jornada em busca de liberdade.

Os sonhos que Nástienka busca realizar são frutos de experiências reais, não ilusórias como as do sonhador. Ela não vive em seu inconsciente, mas no domínio do

consciente e por isso, seguindo as lógicas explicitadas anteriormente, tem noções de liberdade física e não fantasiosa. Possui domínio do consciente e vive na realidade por ter vivido dois anos presa à avó por um alfinete, lendo, estudando e trabalhando por ter feito algo que a avó não aprovou.

Quando lembramos que foi criada pela avó, entendemos que Nástienka teve um tipo de aprendizagem tradicional nas relações amorosas e a respeito do papel da mulher. O casamento, como discutido nos capítulos anteriores, é o único meio pelo qual as mulheres fictícias e reais da época podiam ter uma mínima liberdade. Apesar das noções tradicionais, Nástienka busca fugir desse estereótipo de ‘mulher inalcançável’ e ‘boa moça’. Mesmo se casando, é explícito que não quer viver para agradar um homem, mas viver com alguém que lhe permita ter alguma liberdade, como o inquilino e, em certo momento, o sonhador.

A origem dos sentimentos de liberdade é a ida à ópera por convite do inquilino. Sua vida é positivamente abalada quando volta para casa, declarando a si “Mas que alegria! Fui me deitar tão orgulhosa, tão contente, o coração batendo tanto, que tive um pouco de febre e delirei a noite toda com o *Barbeiro de Sevilha*” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 50). A visita representa o momento em que sente na pele a liberdade de fazer o que quiser, a genuína felicidade distinta de sua realidade.

Por fazer algo diferente de sua rotina que achou que seria a mesma a vida toda, presa à avó, é despertado um desejo ardente de fazer outras coisas que, sem o inquilino, ou melhor, sem a companhia de um homem, não poderia realizar. Por isso ela aceita e espera o cumprimento da promessa de que ele volte um ano depois.

Quando o inquilino não aparece meses depois, ela conversa com o sonhador e admite que o amor possa ter sido ilusão, sendo assim, a liberdade é um momento que jamais terá outra vez. Seus sonhos de liberdade são quebrados quando diz “(...) quem sabe, talvez todo meu amor tenha sido um engano dos sentimentos, da imaginação; talvez tenha começado como uma brincadeira, uma tolice por causa da vigilância da avó” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 74). Mas seus sonhos são reconquistados ao final da obra, quando o inquilino aparece e leva-a, cumprindo a promessa, mostrando que seus sonhos se realizam.

Por fim, ambos os personagens possuem seus sonhos e objetivos de vida que são independentes da realidade do autor. Na São Petersburgo de Dostoiévski, as noites brancas dão oportunidade para que as realidades mudem.

Para o sonhador, há permanência nos sonhos e nas ilusões, no inconsciente que guia a forma como se comporta na realidade e como se relaciona socialmente e romanticamente com outros indivíduos. Quando Tikhomírov cita Motchúlski, afirma-se que, em *Noites brancas*, há um imenso valor estético do mundo dos sonhos em que o herói permanece. “Nunca antes o tema do devaneio havia sido apresentado em tão mágico esplendor poético” (TIKHOMÍROV apud MOTCHÚLSKI, 1995, p. 264). Entretanto, para Nástienka, há permanência na realidade e no mundo físico, na realização material dos objetivos e sonhos mesmo que, em certa extensão, não em sua totalidade. É inegável que é livre, pois apesar da liberdade ser condicionada pelo homem, tem pleno domínio de seu consciente e de suas escolhas.

A seguir, trataremos em mais detalhes da figura do sonhador solitário e suas características psicológicas quanto aos sonhos de Nástienka, realizando um paralelo entre a Revolução Russa e seus sonhos de liberdade social.

3.1. O sonhador solitário

Como posto anteriormente, a relação do sonhador com a solidão, melancolia e nostalgia constroem a complexidade do personagem, aquilo que o faz viver em seu inconsciente, no mundo imaterial. Na obra, há passagens que exprimem a solidão e o isolamento em relação a todos os indivíduos da cidade, justificando sua misantropia. Como quando pensa “Pareceu-me de repente que eu, um solitário, estava sendo abandonado por todos e que todos se afastavam de mim (...) me parecia que todos me abandonavam quando toda Petersburgo se levantou e partiu de repente para o campo” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 11).

Lukács afirma que o isolamento do indivíduo:

tornado solitário da vida do povo é um tema de importância decisiva na literatura durante a segunda metade do século XIX. (...) Somente na Rússia, nas obras de Tolstói e Dostoiévski, esse problema revela toda a sua profundidade e amplitude (LUKÁCS, 1965, p. 156-157).

Assim, Bértolo retrata o sonhador como mantendo “uma relação problemática com a realidade, refugiando-se num ‘mundo alternativo’, à margem dos restantes indivíduos, o que conduz a um estado de solidão extrema” (BÉRTOLO, 2014, p. 188). O impacto do isolamento é notável na solidão do sonhador, pois molda como reage em relação a outros indivíduos e como encara a cidade de São Petersburgo.

Um primeiro efeito do isolamento social é a vida fantasiosa e imaginária que pode ser vista pelo processo de prosopopeia realizado pelo sonhador. No início da história, ele se comunica com prédios, criando um diálogo fictício em sua mente e dando características humanas a seres inanimados como em “Bom dia, como vai sua saúde? Eu estou bem, Graças a Deus, e em maio vão me aumentar um andar” (DOSTOIÉVSKI, p. 12).

Um segundo efeito do isolamento social é a discussão do cenário cidade x campo, este relacionado com a produção intelectual e prestígio dos homens e aquele com a solidão e a falta de realização pessoal, não sendo cenário ideal para sua evolução. A cidade é o espaço físico, concreto e monótono, onde pessoas não querem viver. O campo é o espaço das ideias, dos sonhos e do prestígio humano.

Para ele, o campo é libertador e representa possibilidade de vida melhor, como quando atravessa os limites da cidade em: “(...) atravessei a barreira num golpe, passei entre os campos semeados e prados sem perceber o cansaço, apenas sentindo com todo meu corpo que um fardo qualquer se desprendia da minha alma” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 15). Liberar-se do fardo significa poder alcançar a paz e a evolução intelectual.

A busca da paz, como define Lukács, é uma “selvagem e cega revolta dos personagens”, sendo “poeticamente grande, historicamente progressiva (...) e dela raia efetivamente uma luz nas trevas de Petersburgo, uma nova luz que ilumina os caminhos do futuro da humanidade” (LUCKÁS, 1965, p. 162).

Apesar da importância do campo, o sonhador decide permanecer na cidade, sua morada, seu canto escondido dessa luz que ilumina caminhos. Ele caracteriza a si, justificando sua permanência, em:

Um sonhador, se é necessária uma definição detalhada, não é um homem, mas sim, sabe, uma criatura de gênero neutro. Na maioria das vezes ele habita um recanto inacessível, como se quisesse esconder-se até da luz do dia, e uma vez que se recolhe a sua casa, gruda-se em seu canto como um caracol; ou pelo menos nesse aspecto ele se parece muito com aquele animal interessante, que é animal e casa ao mesmo tempo e que se chama tartaruga (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 30).

Um terceiro efeito do isolamento social é a nostalgia exacerbada e seus efeitos, no sentido do sonhador viver com a mente presa ao passado, não querendo pensar como será seu futuro. A permanência no passado representa a inércia de seu corpo, enquanto o campo, como cenário de prestígio para a evolução intelectual dos homens, representa a possibilidade de um futuro em que pode se tornar um grande intelectual. O futuro configura-se, assim, para ele, como um paradoxo entre o medo físico da velhice e da

destruição de noções que prestigia, ou seja, da juventude, e a possibilidade mental de se tornar intelectualmente superior como os homens do campo que caminham em direção ao futuro. A indecisão dele em viver na cidade ou no campo, representantes dos dois extremos, só comprova seu medo e fascinação, ao mesmo tempo, pelo futuro.

Assim que a obra inicia, o sonhador fala sobre como pode a população de São Petersburgo, irritadiça e caprichosa, viver sob um céu luminoso e estrelado e como este é um “questionamento de quem é jovem, caro leitor, muito jovem, mas que Deus o possa inspirar-lhe muitas vezes!...” (DOSTOIÉVSKI, p. 11), prestigiando a origem humana, a criação, o passado.

Em outro momento, ao dialogar com Nástienka, o sonhador revela: “Sabe que agora, em certos dias, gosto de lembrar e visitar aqueles lugares onde um dia fui feliz do meu jeito; gosto de construir meu presente de acordo com o que é irremediavelmente passado” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 43).

A busca por manter as memórias vivas como guia do presente revela sua insatisfação com a vida na cidade, por conta do isolamento, apesar de escolher viver nela. Para ele, é possível alcançar o intelecto através da introspecção, considerando que a relação humana apresenta características como “frio, sombrio, irritante mesmo...” e “somos todos tão infelizes com nosso destino, padecemos tanto em nossa vida!” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 37) e é melhor sonhar com outra realidade.

Nesse contexto de vida fantasiosa, indecisão de vida na cidade ou campo e nostalgia exacerbada é que o amor toma conta de seu corpo. Mesmo com paixão, seus sonhos permanecem no centro de seu ser. Desconectado da realidade, diferentemente de Nástienka, revela a existência de outra realidade onde “(...) não penetra aquele mesmo sol que brilha para todos os petersburguenses, mas sim um outro, novo, enviado como que de propósito para esses recantos, e que brilha com uma luz diferente e particular” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 30), distanciando-se do mundo real.

O sonhador, prontamente, carrega dentro de si ideias contrárias: realidade e sonho, cidade e campo, amor e ilusão. Característica esperada do herói moderno que carrega para si oposições. “Dentro do “eu”, existem, simultaneamente, as duas forças, sendo esta a característica mais comum do herói da modernidade” (ARTEAGA, 2011, p. 62). Logo, “é importante frisar que a imagem do Sonhador em *Noites brancas* não aparece de forma estática na novela, mas é apresentada dentro de uma dinâmica” (TIKHOMÍROV, 2016, p. 5). Dinâmica essa que é da vida fantasiosa e da vida real, das

realizações físicas e das psicológicas, da permanência na cidade e da visita ao campo, o prestígio intelectual por interação e por introspecção.

O sonhador não é complexo por apresentar escolhas, mas dualidades. Seu refúgio mental é plural, sua mente tem vários caminhos e sua jornada é incerta, mesmo depois do fim da obra.

3.2. A sonhadora liberta

Ao fim da seção 1.2, colocamos que as revolucionárias russas não obtiveram as conquistas desejadas com a Revolução Russa de 1917, apesar da queda do poder czarista. Para entender a importância das mulheres na atuação da revolução, é necessário compreender as relações sociais de produção, explicitadas por Manzano em:

As relações sociais de produção naquele país eram as mais atrasadas, se comparadas com os países mais adiantados no processo de produção capitalista. Não eram apenas resquícios feudais que impediam o avanço das forças produtivas, desencadeado pela revolução burguesa, que caracterizavam aquela sociedade, mas fortes estruturas de dominação próprias do autoritarismo aristocrático tardio que ainda determinavam relações humanas no interior da família e de gênero (MANZANO, 2017, p. 137).

O poder do czar era tão grande que determinava as noções de família e relações humanas. Controladas em sua realidade, as mulheres não eram vistas como potência de produção de capital para o Estado, mas de procriadoras domésticas. Apesar disso, com a revolução, Manzano mostra as conquistas das mulheres, apesar de não terem eliminado o funcionamento da família de tipo burguesa, fundamento de bases fortes com o patriarcado e pilares morais que sustentam esse conceito de família e funcionamento social.

Recordamos que não foram todas as mulheres participantes no ato da revolução, mas aquelas que tiveram o privilégio de viajar ao exterior e de realizarem estudos, ou seja, mulheres provenientes de famílias de extratos superiores. Alguns nomes marcantes são Anna A. Kalmánovitch, Maria I. Pokróvskaia, Alexandra Kollontai e Nadiéjda Krúpskaia, atuantes na revolução e pós-revolução de alguma maneira e que contribuíram de alguma forma para o grande movimento que buscava a emancipação feminina.

Alguns temas de debate sobre a questão feminista no contexto de uma Rússia pré-revolução eram: a desigualdade de educação, especialmente em universidades; a

prostituição e a educação sexual falha; a inexistência de um partido político para e por mulheres.

Sobre o sentimento e prática de liberdade da mulher, ao citar Schneider, Manzano destaca que:

Enquanto o homem tiver a oportunidade de oprimir e humilhar a mulher, ele o fará. [...] Eu não anuncio uma cruzada nem contra os homens em geral, nem contra os sociais-democratas em particular. Apenas sou contra a ideia de que nós mulheres devemos esperar deles a liberdade. (...) Libertaram-se apenas aqueles que, ao se revoltar, escreveram as próprias leis (MANZANO apud SCHNEIDER, 2017, p. 28-38).

Nesse sentido, duas mulheres revolucionárias de destaque são Krúpskaia e Kollontai. A primeira dedicou-se à educação igualitária de meninos e meninas, buscando um futuro socialmente igualitário ao apontar que as bases da sociedade tratavam as tarefas do lar como algo exclusivamente ‘da mulher’ e subvertendo ao ressaltar a importância da individualidade humana e que a mulher pode contribuir bastante para o capital da sociedade.

A segunda, Kollontai, retratada no primeiro capítulo, foi revolucionária e nomeada Ministra da Previdência Social, ou seja, com função de cuidar das necessidades da população. Manzano cita Kollontai (2017, p. 149) para apontar como a revolucionária combatia críticas sociais de homens ao melhorar a situação dos inválidos pela guerra, suprimir a educação religiosa (de bases patriarcais e família tradicional como única) às meninas, transformar orfanatos em residências e criar alojamentos para cuidados e educação, além do comissariado para a constituição legal de uma central de orientação à maternidade e ao recém-nascido, fundamentais para o apoio à mulher.

Paralelo às revolucionárias e suas atuações, Nástienka é uma personagem que busca transformar sua realidade da forma como é possível para o melhor. Apesar de não explícita, há momentos e fatores que demonstram sua efervescência para mudança, um tipo de revolução concentrada, quando analisamos que ela possui: (1) conhecimento social, (2) curiosidade social e (3) liberdade social.

Em linhas claras, sabemos que Nástienka deixou de estudar aos quinze anos por conta de suas desobediências para com a avó, passando a estudar, trabalhar e ler, presa à avó. Mesmo presa, realizou tarefas que eram voltadas para o homem, como ler e trabalhar. Ou seja, apesar da criação restrita, ela aprendeu a ser produtiva individualmente, apesar de escutar enquanto crescia a necessidade de uma mulher ter um marido. Ela teve acesso a diversos tipos de conhecimento.

Outro fator interessante é que a avó lhe ensinou francês, pista que evidencia que talvez tenha sido rica em algum momento e teve grande acesso ao conhecimento como as mulheres de extratos sociais superiores que fundaram as bases da revolução. Apesar de a avó não ter sinais de efervescência para qualquer tipo de mudança, pelo contrário, afirma as bases tradicionais de família, mas permite que Nástienka tenha acesso a informações de todo tipo através de leituras e de estudos, distintamente da maioria das mulheres da época, especialmente as mais pobres, que não sabiam ler nem escrever.

Com acesso ao conhecimento, seja por romances lidos, pelos trabalhos feitos ou por estudos, Nástienka apresenta a dualidade inteligência *versus* necessidade. Ou seja, possui o arcabouço, a inteligência, social do mundo e da natureza do homem, que pode destratar uma mulher, mas reconhece que necessita de um homem para que possa ter uma vida com liberdade e acesso ao mundo. Para que possa ter lugar na sociedade, precisa estar acompanhada.

Por isso, ao final da obra, ela volta aos braços do inquilino que desde o início representou a possibilidade de liberdade, mesmo que condicionada, para com o mundo e na busca de mais conhecimento, mais experiências. Quando conversa com o sonhador, revela que conversou desesperada com o inquilino, dizendo que não poderia mais viver sem ele. Mas a realidade é que não poderia viver sem a possibilidade de liberdade que ele representa, com os livros que lhe deu e o passeio à ópera.

Conversamos por muito tempo, e no fim me exasperei, disse que não podia viver com a avó, que fugiria dela, que não queria que me prendessem com um alfinete e que, quisesse ele ou não, eu o acompanharia até Moscou, pois sem ele não podia viver. Vergonha, amor, orgulho: tudo falava em mim ao mesmo tempo (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 52).

Com o desenvolvimento e da interação de Nástienka para com o sonhador, compreendemos que se trata de uma jovem curiosa por compartilhar palavras e criar laços com outros indivíduos. A curiosidade guia sua jornada na história, desde conhecer o inquilino com olhares curiosos até seus gostos e construção da visão de mundo através da curiosidade de conhecer e ler sua realidade.

Algo curioso e importante é que ela não é apresentada como uma mulher apaixonada, no sentido do romantismo, mas cria vínculos pessoais tanto com o inquilino quanto do sonhador. Afinal, ela é humana. Prova disso é quando envia a carta ao sonhador tendo escolhido o inquilino como seu companheiro, declarando que, em seu coração, ainda ama o sonhador, imaginando se fez a escolha certa.

O importante não é se fez a escolha certa, mas que fez uma escolha para si, mesmo com influências sociais. Isso, por si, é o mais próximo de liberdade que uma mulher poderia chegar, entendendo a personagem como reflexo levemente alterado da mulher real da Rússia czarista.

Pelo que foi apresentado, é compreensível que Nástienka teve uma educação tradicional com a avó, mas teve acesso ao conhecimento, além de trabalhar, função predominantemente do homem, para construir sua visão de mundo e seu conhecimento do funcionamento da sociedade, especialmente das ações esperadas de um homem. Também tem curiosidade de explorar o desconhecido, tentar realizar seus sonhos e lutar pelo que quer, conquistando a liberdade social possível em seu contexto, como fizeram as revolucionárias de 1917.

A considerar a realidade russa quanto aos comportamentos sociais esperados dos gêneros, sendo a obra escrita em 1848, Nástienka constrói e desconstrói sua realidade, sendo uma sonhadora liberta, guiadora da própria vida e das escolhas, com o arcabouço necessário para lutar pela vida que sonha, mesmo com obstáculos sociais de gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo que foi exposto e discutido nas páginas anteriores, é possível enxergar a sociedade russa e suas complexidades sociais de gênero através da ficção de Dostoiévski em *Noites brancas*. No enlaçamento da Rússia czarista com a Rússia de Dostoiévski, vemos o sonhador e Nástienka encontrando-se, desencontrando-se e tomando decisões que impactam em suas vidas. Lado a lado, os pensamentos de cada um são desenvolvidos ao longo da história, sendo possível discutir as influências da sociedade na construção do papel social de gênero num paralelo com a Rússia czarista e a Rússia da revolução, anos depois da publicação da obra.

A distinção de gênero revela como o autor se inspirou em sua realidade, sendo cidadão russo e tendo participado da *escola natural* e do círculo Petrashevski no contexto da regência controladora do czar Nicolau I. Através das temáticas do amor e do sonho, observamos que o sonhador é construído como o pobre herói positivo e paradoxal de Dostoiévski, cheio de dualidades, especialmente no que toca a relação entre realidade e fantasia, amando de forma idealizadora e sonhadora, e sonhando com uma diferente vida em que pode evoluir socialmente, no campo. Enquanto Nástienka vive na realidade, não ama ou busca cumprir o papel amoroso como as mulheres idealizadas do romantismo e sonha com a efervescência de que algum dia sua vida irá melhorar, dentro do seu contexto só possível pelo casamento, caminho que muitas mulheres trilharam anos depois na Revolução Russa na busca de direitos sociais, sem que haja distinção e prestígio por gênero, mas igualdade.

O amor é temática importante na obra por possibilitar a discussão de temas que afetam a mulher, como a idealização da relação impossível por ser inalcançável e uma espécie de ‘anjo’, características do movimento do romantismo. Ao mesmo tempo, de forma realista, precisa ser companheira, ‘boa moça’ e ‘boa esposa’, ou seja, estar nos padrões sociais de uma mulher que vive somente para sua família. A complexidade da feminilidade retratada por Nástienka quebra os padrões do romantismo, se aproximando mais do realismo amoroso quando escolhe o inquilino como seu companheiro e não faz jogos amorosos com o sonhador nem o ilude, sendo sincera e amiga desde quando o conhece. E o sonhador também quebra os paradigmas quando, apesar de melancólico pela situação, não morre por amor.

O sonho é outro tema de ampla discussão não só na literatura, mas dentro da obra. Em *Noites brancas*, a fantasia, o inconsciente e os sonhos são importantes para o sonhador, pois constroem sua personalidade, sua visão de mundo e seu comportamento. No inconsciente, há uma busca incessante por conhecimento, mesmo que só possa alcançar prestígio intelectual, ser verdadeiramente o homem como Dostoiévski pretendia que fosse, no campo e na união dos homens. O homem intelectual glorificado de Dostoiévski tem relação com sua própria vida e experiências ao considerar que fez parte de grupos literários e progressistas.

Para Nástienka, apesar das exigências sociais sobre a mulher dentro e fora da literatura russa, são os sonhos de liberdade, as sementes criadas pelo acesso ao conhecimento e pela curiosidade que distinguem Nástienka das mulheres que não tinham acesso ao conhecimento e não questionavam sua realidade. Ao trilhar seu caminho, como fizeram outras, constrói sua realidade, na medida do possível, e contribui para o movimento da emancipação feminina na sociedade russa.

Por fim, considerando-se as diferenças e injustiças sociais de gênero na real Rússia e na Rússia de Dostoiévski, constatamos que, pela narrativa mágica de *Noites brancas*, enquanto homens e mulheres estavam sob o mesmo controle do czar na real Rússia, na Rússia de Dostoiévski, mesmo sem o obstáculo político, o papel social do homem é de maior prestígio que da mulher e que o caminho a ser trilhado pela mulher russa ainda é, até os dias atuais, de grande extensão para que alcance não só a liberdade, mas a justiça de gêneros dentro de uma sociedade marcada por individualidades sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARTEAGA, Cristiane Guimarães; BITTENCOURT, Profa. Dra. Gilda neves da S. **O herói da modernidade em Dostoiévski e Graciliano Ramos**. Porto Alegre, 2011. 131 p. Tese, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), programa de pós-graduação em letras (PPGLET), 2011.
- BAKTHIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- BÉRTOLO, José. **O mundo pela arte: os sonhadores de Noites brancas**, de Fiódor Dostoiévski, e **Ao Arrepio**, de Joris-Karl Huysmans. Portugal: Revista Diacrítica, 2014, p. 181-199.
- BIANCHI, Maria de Fátima. **Dostoiévski e a crítica russa**. São Paulo: Revista Magma, n. 8, 2003, p. 87-99.
- COSTA, Emília Viotti da. **A concepção do amor e idealização da mulher no romantismo: Considerações a propósito de uma obra de Michelet**. São Paulo: ALFA: Revista de Linguística, v. 4, 2001.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Noites brancas: romance sentimental (das recordações de um sonhador)**. Tradução, posfácio e notas de Nivaldo dos Santos. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.
- FONSECA, Ludmilla Carvalho. **“O contexto histórico da Rússia czarista e o surgimento do romance social de Dostoiévski.”** *In: Discurso ficcional e narrativas históricas*. Ilhéus: Litterata, 2016.
- KOLLONTAI, Alexandra. **Autobiografia de uma mulher comunista sexualmente emancipada**. Tradução de Lígia Gomes. São Paulo: Editora Sundermann, 2007. 88 p.
- LUKÁCS, Georg. “Dostoiévski”. *In: Ensaios sobre literatura*. Tradução de Élio Gáspari. Rio de Janeiro, 1965, p. 145-162.
- MANZANO, Sofia. **A mulher na Revolução Russa**. São Paulo: Revista Lutas Sociais: 100 anos da Revolução de Outubro, v. 21, n. 38, 2017, p. 136-149.
- SCHONARTH, Luana Grasiela; GAI, Eunice T. Piazza. **A temática do amor e os caminhos literários**. Santa Maria, 2015. 9 p. Artigo, Universidade Federal de Santa Maria, 2015.
- SILVA, Gabriela Soares da. **O percurso do herói positivo na literatura russa**. Campinas: Remate de Males, v. 40, n. 1, 2020, p. 297–323.

SIRELLI, Paula; SANTOS, Suenya. **O protagonismo das mulheres na Revolução Russa: dos antecedentes ao legado.** Rio de Janeiro, 2017. 21 p. Ensaio, Curso de Serviço Social, campo das ostras da UFF, 2017.

TIKHOMÍROV, Boris N. **Dois palavras acerca da epígrafe de Turguêniev à novela *Noites brancas*, de Dostoiévski.** São Paulo: Revista da USP, v. 7, n. 7, 2016, p. 3-16.